PORTUGUÊS

Lima Barreto

José de Alencar

Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Cruz e Souza

Pero Vaz de Caminha

Luis de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS

Apoio:

Patrocínio:

Realização:

As Três Missas do Galo
Alphonse Daudet

As três missas do galo
Alphonse Daudet

I

Dois perus trufados, Garrigou?
- Exatamente, senhor abade, dois magníficos perus, recheados de trufas. Ninguém o sabe melhor que eu, pois ajudei a recheá-los. As peles estavam tão retesadas, que pareciam querer estourar...
- Jesus! Maria! E eu que gosto tanto de trufas! Dá-me depressa a sobrepeliz, Garrigou . . . E que mais viste, na cozinha, além dos perus?
- Oh, uma infinidade de iguarias alucinantes... Desde o meio-dia que não fizemos outra coisa senão depenar faisões, codornas, perdizes, frangos . . . As penas esvoaçavam por todos os cantos... E, da piscina, trouxeram enguias, carpas douradas, trutas e . . .
- São muito grandes as trutas?
- Deste tamanho, reverendo! . . . Enormes! . . .
- Oh! meu Deus! . . . Até me parece vê-las . . . Puseste o vinho na galheta?
- Sim, reverendo, já pus o vinho na galheta... Mas

nem se compara com o vinho que o senhor abade beberá logo ao sair da missa do galo. Se visse o salão de jantar do castelo! . . . Se contemplasse todas aquelas garrafas reluzentes e repletas de vinho de todas as cores! . . . E a baixela de prata, as ânforas cinzeladas, as flores, os candelabros! . . . Nunca se viu ceia de Natal igual a esta. O senhor marquês convidou todos os nobres das vizinhanças. Será uma mesa de quarenta convivas, no mínimo, sem contar o bailio nem o tabelião . . . Ah! . . . Como o senhor abade deve estar muito feliz por ser um dos convivas! Somente por haver cheirado aqueles estupendos perus, o odor das trufas me persegue por toda a parte . . . Valha-me Deus, valha-me Deus! . . .

- Bem, bem, criatura. Guardemo-nos do pecado da gula, sobretudo na noite de Natal. . . Trata de acender os círios e de proceder ao primeiro repique para a missa; em breve soará meia-noite e é preciso que não nos atrasemos. . .

Este diálogo era travado numa noite de Natal do ano da graça de mil seiscentos e picos, entre o abade Balaguer, antigo prior dos Barnabitas e naquela época capelão dos senhores de Trinquelage, e o sacristão Garrigou, isto é, o sujeito que ele acreditava ser o sacristão Garrigou, pois, conforme já deveis ter compreendido, o diabo se apossara da cara redonda e das indecisas feições do jovem sacristão, a fim de melhor tentar o sacerdote e de fazê-lo cometer o horrendo pecado da gula.

Pois bem, enquanto o pseudo Garrigou (hum! hum!) repicava freneticamente os sinos da capela

senhorial, o abade ia vestindo a sua casula na acanhada
sacristia do castelo. E, já com o espírito perturbado por todas aquelas descrições gastronômicas, repetia de si para si, enquanto ultimava os preparativos:

- Perus assados . . . carpas douradas . . . trutas enormes!. . .

Lá fora o vento noturno soprava, espalhando a música dos sinos, e, pouco a pouco, iam aparecendo luzes na escuridão que envolvia a encosta do monte Ventoux, em cujo cimo estava edificado o velho castelo de Trinquelage. Eram as famílias dos aldeões que iam ouvir a missa do galo no castelo. Entoando os cânticos, subiam a ladeira em grupos de cinco ou seis; na frente iam os chefes da família, levando uma lanterna na mão, enquanto as mulheres caminhavam envoltas em amplos xales escuros, nos quais se agasalhavam os pirralhos, muito agarradinhos às mães.

Apesar da hora e do frio, toda aquela boa gente caminhava com alegria, sustentada pela idéia de que, quando terminasse a missa, haveria na cozinha uma lauta mesa preparada para eles, conforme ocorria todos os anos.

De quando em quando, precedida por um cavaleiro munido de archote, a carruagem de algum senhor reluzia os seus cristais ao clarão da lua, ou se ouvia o trote de alguma égua, que passava sacudindo os guizos. E, ao débil resplendor das lanternas envoltas em bruma, os aldeões reconheciam o bailio e o cumprimentavam:

- Boa-noite, mestre Arnoton!

- Boa-noite, boa-noite, amigos!

A noite estava clara e o frio parecia fazer as estrelas luzirem mais intensamente; soprava um vento gélido, enquanto uma garoa fina, que resvalava sobre as roupas sem molhá-las, conservava fielmente as tradições dos Natais brancos de neve.

No cimo da colina, erguendo para o céu azul-escuro o campanário da sua capela, avistava-se o sombrio perfil do castelo com todo o seu soberbo conjunto de torres e de muralhas, e percebiam-se inúmeras luzezinhas que se acendiam e apagavam, iam e vinham, agitando-se em todas as janelas, assemelhando-se, sobre o fundo escuro do majestoso edifício, às repentinas centelhas que fuzilam entre as cinzas do papel queimado.

Para se chegar à capela, era preciso primeiramente atravessar a ponte levadiça e a poterna, e depois percorrer o primeiro pátio, repleto de carruagens, de lacaios e de liteiras, e iluminado pelo fogo dos archotes e pelo clarão das cozinhas.

Ouvia-se o tintinar das assadeiras, o estrépito das caçarolas, o choque dos cristais e da baixela, removidos na azáfama de um grande banquete. Pairava no ambiente um vapor tépido, um cheiro ativo de carne assada, de ervas aromáticas, de molhos complicados, que faziam os aldeões comentar com o pároco, com o bailio, com todos:

- Que saborosa ceia faremos depois da missa!

II

Drelindin din! . . . Drelindin din! . . .

Começou a missa do galo. Na capela do castelo, catedral em miniatura com seus arcos entrecruzados e vigamentos de carvalho, foram acesos todos os círios e estendidos esplêndidos tapetes e reposteiros. E quanta gente! E que trajes!

Sentado num dos bancos esculpidos que rodeiam o coro e tendo em volta dele todos os nobres senhores convidados, lá está o senhor de Trinquelage, que veste uma magnífica casaca de tafetá cor de salmão. Oram, em frente, ajoelhadas sobre genuflexórios guarnecidos de veludo, a velha marquesa, que ostenta um faustoso vestido de brocado cor de fogo, e a jovem senhora de Trinquelage, que exibe um trabalhoso penteado cujo remate consiste num elevado topete de rendas grampeadas de acordo com a moda da corte de França. Um pouco mais distante, trajados de preto e exibindo grandes perucas pontiagudas e rostos bem escanhoados, o bailio Thomaz Arnoton e o tabelião mestre Ambroy, são as únicas notas graves entre as sedas claras e os gorgorões brocados. Detrás deles, se perfilam os obesos mordomos, os pajens, os picadores, os intendentes e a senhora Bárbara que traz todas as suas chaves presas num fino chaveiro de prata. Ao fundo, sentado nos bancos, está o pessoal do serviço, as amas, os aldeões e as respectivas famílias e, por fim, junto da porta, que entreabrem e tornam a fechar

discretamente, os moços da cozinha vêm assistir, entre dois temperos, um pouquinho da missa e trazer algo do cheiro da ceia que se derrama na igreja engalanada, aquecida por tantos círios acesos.

Será a visão daqueles barretes brancos que distrai o oficiante? Não será porventura a campainha de Garrigou, aquela endemoninhada campainha que, agitada com infernal precipitação ao pé do altar, parece dize-lhe incansavelmente:

- Depressa, depressa! . . . Quanto mais depressa terminarmos, mais cedo estaremos à mesa...

Na verdade, toda a vez que aquela satânica campainha é agitada, o capelão esquece a missa e não pensa senão na ceia. Imagina os cozinheiros atarefados, a cozinha onde arde um fogo intenso, o espesso vapor que sobe das caçarolas entreabertas, e, envoltos nesse vapor, dois magníficos perus recheados, estufados, abarrotados de trufas . . .

Ou, então, vê passar filas de pajens que carregam enormes assadeiras envoltas em aromas tentadores, e penetra com eles na ampla sala de jantar adornada para o banquete. Oh, delícia! Lá está a mesa imensa, repleta e rutilante, com os seus pavões reais que ostentam todo o esplendor das respectivas plumagens, com seus faisões que abrem as asas resplendentes, com suas garrafas cor de rubi, com suas pirâmides cheias de frutas que reluzem entre a folhagem verde e com aqueles maravilhosos peixes que Garrigou tanto elogiava (ah, sim, Garrigou!), os quais descansam num leito de funcho, trazendo nas bocas monstruosas um galhinho de erva aromática, e cujas escamas

nacaradas refulgem como se tivessem saído da água naquele instante. É tão viva a visão dessas maravilhas que, às vezes, o abade Balaguer tem a impressão de que aqueles magníficos pratos estão servidos diante dele, sobre os bordados da toalha do altar. E duas ou três vezes, ao invés do Dominus vobiscum!, se surpreende a dizer o Benedicte. A parte esses ligeiros equívocos, o digno sacerdote recita conscienciosamente o seu ofício divino, sem omitir uma linha, sem esquecer uma genuflexão; e tudo corre maravilhosamente bem até o final da primeira missa; porque, conforme não deveis desconhecer, na noite de Natal o mesmo capelão deve celebrar três missas consecutivas.

- Já estou livre da primeira - diz de si para si o sacerdote, com um suspiro de alivio. E, sem perder um só instante, faz um sinal ao seu sacristão ou àquele que julga ser o seu sacristão, e . . . Drelindin din! . . . Drelindin din! . . .

É a segunda missa que começa e, com ela, começa também o pecado do reverendo Balaguer.

- Mais depressa, mais depressa! grita-lhe com sua mortificante voz esganiçada a campainha de Garrigou.

Desta vez, o desafortunado oficiante, completamente dominado pelo demônio da gula, precipita-se sobre o missal e devora as páginas com a avidez do seu apetite superexcitado. Inclina-se, ergue-se e persigna-se frenética e pressurosamente, mal dobrando os joelhos para as genuflexões e diminuindo todos os gestos para acabar mais depressa. Mal estende os braços sobre o Evangelho, mal bate no peito no Confiteor.

Sacerdote e sacristão, cada qual parece mais empenhado em acabar mais depressa. Versículos e respostas se precipitam, se atropelam. As palavras que, para ganhar tempo, a boca quase não as pronuncia, terminam num murmúrio incompreensível.

- Oremus ps . . . ps . . . ps. . .

- Mea culpa . . . pa . . . pa . . .

Como se fossem vindimadores apressados que esmagassem violentamente a uva, ambos trituram o latim da missa, mandando perdigotos para todos os lados.

- Dom . . . scum! diz o reverendo Balaguer.

- . . . Stutuo! . . . responde Garrigou.

E a maldita campainha retine aos seus ouvidos, como os guizos que costumamos pendurar nos cavalos de posta para fazê-los galopar com maior velocidade. Imaginai com que rapidez acaba uma missa rezada assim.

- Já estou livre da segunda! suspira o capelão, quase sem fôlego.

Imediatamente, sem perder tempo em respirar, rubicundo e suarento, desce precipitadamente os degraus do altar e . . .

Drelindin din! . . . Drelindin din! . . .

Lá se inicia a terceira missa. Faltam. somente alguns passos para chegar à ampla sala de jantar; mas, pobre coitado, à medida que se aproxima a hora da ceia, o excelente reverendo Balaguer se sente tomado por uma onda de impaciência e de gula. Sua visão se torna mais nítida: ali estão as carpas douradas e os perus assados . . . Toca-os . . . sã... Oh! Santo Deus! . . . Os pratos fumegam, os

vinhos derramam o seu perfume embriagador; e, chocalhando como um guizo enfeitiçado, a campainha grita-lhe.

- Depressa, depressa! . . . Mais depressa ainda!

Mas como poderia oficiar mais depressa? Seus lábios mal se mexem. Quase não pronuncia mais as palavras . . . A menos que engane inteiramente a Deus e lhe roube sua missa! . . . E é exatamente isso que faz o desgraçado! De tentação em tentação, começa por saltar um versículo, depois dois. A epístola é longa demais, ele não a termina; baralha o Evangelho, passa diante do Credo sem entrar, mutila o Pater, salta o Prefácio e, aos trancos e barrancos, vai-se precipitando na danação eterna, sempre ajudado pelo infame Garrigou (vade retro, Satanás!), que o secunda com maravilhosa precisão, levantando-lhe a casula, virando-lhe as folhas duas a duas, atropelando o porta-missal, virando a galheta e não deixando de sacudir a campainha, cada vez mais forte, cada vez mais apressadamente.

Vale a pena ver o assombro que se pinta no rosto dos assistentes! Obrigados a seguir pela mímica do sacerdote esta missa que é toda confusão, uns se levantam quando outros se ajoelham, sentam-se quando outros se põem de pé. E os fiéis confundem todas as fases deste singular ofício numa infinidade de atitudes complicadas.

A estrela do Natal, que desliza no céu a caminho da pequena estrebaria, empalidece de espanto ao contemplar tal confusão . . .

- O abade está se apressando muito... É impossível acompanhá-lo, murmura a velha

marquesa agitando a sua enorme coifa de rendas.
Mestre Arnoton, com seus enormes óculos de aço que lhe tremem sobre o nariz, tenta orientar-se nas páginas do seu breviário. Mas, no fundo, toda aquela boa gente também tem pressa de cear e ninguém se sente constrangido porque aquela missa vai num ritmo tão precipitado. E quando o reverendo Balaguer, com o rosto cheio de satisfação, volta-se para os fiéis e lhes diz com voz nítida e firme: Ite, missa est, toda a capela lhe responde numa só voz com um Deo Gratias tão alegre, tão animado, que se acreditaria o primeiro brinde da ceia.

III

Cinco minutos depois, os nobres convivas se sentavam no amplo salão de jantar, tenda o capelão à cabeceira da mesa.
O castelo, iluminado de cima a baixo, ressoava de cantos, de gritos, de risos, de rumores; o venerável abade Balaguer enterrava o garfo no peito de uma galinhola, afogando o arrependimento do seu pecado num rio de saboroso vinho e de esplêndido molho de carne.
O desventurado santo bebeu e comeu tanto, que morreu durante a noite, em conseqüência de uma terrível indigestão, sem ter tido tempo sequer de se arrepender.
Na manhã seguinte, chegou ao céu todo

impregnado ainda de vestígios do regabofe da véspera, e bem podeis imaginar de que maneira foi recebido.

- Retira-te da minha presença, mau cristão! disse-lhe o soberano Juiz e senhor de todas as criaturas. Teu pecado é tão grande que mancha toda uma vida de virtudes . . . Ah! Roubaste-me uma missa? Pois bem, celebrarás trezentas missas em resgate daquela que me furtaste . . . Não entrarás no paraíso enquanto não tiveres rezado, em tua própria capela e na presença de todos aqueles que pecaram contigo e por tua culpa, essas trezentas missas do galo...

Eis a verdadeira lenda do abade Balaguer, conforme é narrada no país das oliveiras.

Atualmente, o castelo de Trinquelage já não existe, porém a capela ainda se mantém de pé, cercada de carvalhos seculares, no topo do monte Ventoux. O vento sopra através da porta desconjuntada, o mato bravo viceja sobre os umbrais e as aves construíram seus ninhos nos ângulos do altar e nas ogivas das janelas altas, cujos vitrais desapareceram há longo tempo. Todavia, todos os anos, ao que parece, na noite de Natal, uma luz sobrenatural erra através das ruínas, e os camponeses podem avistar o fantasma da capela iluminado por círios invisíveis, que ardem ao ar livre, mesmo sob a neve e o vento.

Zombai, se não acreditais nisso, mas um vindimador do lugar, chamado Garrigo - certamente algum descendente de Garrigou -, me afirmou que, encontrando-se um pouco bêbado, se extraviara nos arredores de Trinquelage, numa noite de Natal

muito escura. E eis o que ele viu...

Até às onze horas, nada ocorreu. Tudo estava silencioso, apagado, tranqüilo. De súbito, mais ou menos à meia-noite, do cimo do campanário um carrilhão desandou a repicar, um carrilhão vetusto, antiqüíssimo, que parecia estar a dez léguas de distância. Depois Garrigo lobrigou vultos indecisos e luzes frouxas que tremeluziam pela rampa acima. Sob o pórtico da capela, ouviu vozes:

- Boa-noite, mestre Arnoton!

- Boa-noite, boa-noite, amigos!

Quando todos entraram, o vindimador, que era muito corajoso, aproximou-se de mansinho e, espiando pela porta desconjuntada, deparou-se com um singular espetáculo.

Toda aquela gente que ele vira passar, fora postar-se em torno do coro, na nave em ruínas, como se os antigos bancos ainda existissem. Belas damas que exibiam brocados e coifas de rendas, cavalheiros cheios de berloques, camponeses de vistosas jaquetas de tempos idos. Mas todos tinham um aspecto secular, empoeirado, fatigado, fanado. De vez em quando, despertadas por aquelas luzes, as aves noturnas, hóspedes habituais da capela, iam esvoaçar em torno dos círios cujas chamas se alteavam, eretas e intangíveis, como se ardessem detrás de uma gaza suave. E o que mais divertia Garrigo era um personagem que usava enormes óculos de aço e que, de vez em quando, sacudia a sua enorme peruca negra, sobre a qual uma daquelas aves, batendo silenciosamente as asas, teimava em pousar. ..

Ao fundo, um velhinho de aspecto infantil,

ajoelhado no centro do coro, agitava desesperadamente uma campainha sem guizos e sem timbre, enquanto um sacerdote paramentado com uma casula cor de ouro velho, ia e vinha diante do altar, recitando orações das quais não se ouvia uma só palavra... Seguramente era o abade Balaguer que cumpria a sua penitência, rezando a terceira missa.

FIM